

O RACISMO E SUAS FANTASIAS: RELAÇÕES QUE PERMEIAM DE GRADA KILOMBA A JACQUES LACAN

THE RACISM AND ITS FANTASIES: RELATIONS THAT PERMEATE FROM GRADA KILOMBA TO JACQUES LACAN

Resumo

Nesse artigo, estabelecemos uma relação intertextual cruzando os trabalhos de Grada Kilomba e Jacques Lacan acerca do conceito psicanalítico de fantasia. Propomos uma síntese entre ambos os autores, a partir do jogo sintático do discurso fantasístico e sua relação com a esquizo do sujeito branco. Examinamos a esquizo do sujeito branco no encontro com o real e exploramos a relação topológica que Lacan emprega dos termos, utilizando-nos das definições de Kilomba sobre "sujeito" e "objeto". Em vista dessa revisão de literatura, estabelecemos, então, a partir do entrecruzamento dos autores, o conceito de objeto-sujeitado. Refletimos como o racismo se sustenta a partir de suas fantasias e como é árduo o processo de libertação destas pelos sujeitos. Finalizamos reforçando o dever ético de um psicanalista e sua relação com a luta por uma constituição de existência que alcance uma nova posição discursiva que vá além da angústia.

Palavras-chave: Fantasia; Psicanálise; Racismo; Relações Intertextuais.

Abstract

In this article, we set an intertextual relation between the works of Grada Kilomba and Jacques Lacan about the psychoanalytic concept of fantasy. We propose a synthesis between both the authors, since the syntactic play set current in the fantasy speech and its relation with the white subject's scission with reality. We examine the white subject scission with the encounter with the real and we explore the topological relation that Lacan operates the terms, using Kilomba's definitions of "subject" and "object". In view of this literature review, we establish, from the authors networking, the concept of subjected-object. We reflect about how racism sustains itself from its fantasies and how hard is the process of subjective emancipation from these fantasies. We end up reinforcing the ethical commitment of a psychoanalyst and their relation with the fight for an existence constitution that reaches a new discursive position that goes beyond anguish.

Keywords: Fantasy; Psychoanalysis; Racism; Intertextual Relations.

*Ives Daniel da Silva Ferreira

**Sara da Conceição

Recebido em: 07/07/2024

Aceito em: 25/10/2025

1. Introdução

¹ LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário da Psicanálise. Tradução: Pedro Tamen. 9. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1986, p.229.

² FREUD, Sigmund. "Bate-se numa criança": contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais (1919). In: IANNINI, Gilson (ed.). Neurose, psicose, perversão. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016; FREUD, Sigmund. Da história de uma neurose infantil (caso homem dos lobos) (1918). In: IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro (orgs.). Histórias clínicas: cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica. Tradução: Tito Lívio Cruz Romão. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

³ LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

⁴ ŽIŽEK, Slavoj. Como ler Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

⁵ Ibidem.

⁶ Ibidem.

⁷ KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

⁸ FREUD, Sigmund. "Bate-se numa criança": contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais (1919). In: IANNINI, Gilson (ed.). Neurose, psicose, perversão. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

⁹ KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Quando estudamos psicanálise, mesmo de forma superficial, percebemos que é impossível compreender a obra psicanalítica sem sequer passar pelo conceito de fantasia. Essa impossibilidade se deve à importância atribuída, a partir de Freud, à ideia de "realidade psíquica", de modo que "[...] toda a reflexão psicanalítica consiste precisamente em procurar explicar a estabilidade, a eficácia, o carácter relativamente organizado da vida fantasmática [e.g., fantasística] do indivíduo"¹.

A fantasia, enquanto conceito na obra freudiana, possui contornos bem delimitados. Freud² intenta: trata-se de uma situação imaginária que visa a satisfação de moções (i.e., manifestações, intervenções) pulsionais de forma masturbatória. Para a pessoa que fantasia, o contato real com a cena fantasiada é intolerável. Além disso, fantasiar é algo que exige ação: o sujeito que fantasia, o faz em agência com e a partir desta.

Conforme Lacan³, a fantasia em muito se relaciona com a "tiquê" (i.e., o encontro com o real). Essa tiquê — que constantemente não cessa de escapular — sempre retorna como um acidente espontâneo e familiar. A fantasia, aqui, surge como um filtro: ela, recebendo suporte do real, protege-nos de nosso encontro com ele. Em síntese, a fantasia seria, para o sujeito, a forma como as coisas aparentam ser objetivamente (inconsciente), ainda que não pareçam ser dessa forma subjetivamente (consciente)⁴.

De acordo com Žižek⁵ a fantasia, essa operação pertencente à categoria do "objetivamente, subjetivo", apesar de funcionar como esse filtro que media a relação com um outro, tornando o contato suportável, está condicionada à uma ambiguidade fundamental. Sua vivência é intolerável porque "a própria fantasia, no que tem de mais fundamental, [...] nunca pode ser subjetivada, e tem de permanecer recalçada para funcionar"⁶.

Entretanto, Kilomba⁷, ao utilizar da ideia de fantasia, tal como concebida por Freud, demonstra, em uma leitura que é perpassada por um contexto racializado do conceito, o modo em que relações que evidenciam as definições de poder, lugar, pertencimento e existência transcendem o espaço, o tempo e o inconsciente. Sua leitura compreende que é através do ato de fantasiar que o sujeito branco encontra saídas confortáveis para justificar e impor o que o outro deve ou não ser.

Em Freud⁸, uma fantasia masoquista (i.e., de punição física para próprio sofrimento e prejuízo) se apresenta como uma forma de justificar a irritabilidade e a sensibilidade — no sentido de a pessoa sentir-se facilmente ofendida — nos atos do sujeito em relação à figura que, nessa fantasia, opera como a figura sádica. Neste texto, são detalhados três tempos fantasísticos que ocorrem na criança que "compete" com outra na etapa do complexo de Édipo: 1) Meu pai bate na criança que eu não gosto; 2) meu pai bate em mim por ter desejado (1); 3) Bate-se numa criança. A etapa (3) seria, precisamente, mais associada à ordem do recalque.

Já em Kilomba⁹, isso é transposto a partir de uma leitura onde a fantasia masoquista de selvageria — que pode implicar em diferentes dimensões, sendo estas: infantilização, primitivização, incivilização, animalização e erotização — dos corpos negros surge como uma forma de justificar a violência direcionada a esses corpos. Podemos observar essas implicações em Fanon¹⁰, que destaca um mecanismo fantasístico onde o negro é "uma besta, [...] mau, [...] malicioso, [...] [e] feio; [...] o menino branco corre para os braços da mãe: mamãe, o negro vai me comer"¹¹.

Aqui, a dimensão da animalização na fantasia de selvageria implica na angústia de castração. Lacan¹² apresenta e discute um caso onde a paciente desenvolve, em certo momento, uma fobia à cachorros, simbolizada principalmente pelo medo de ser mordida por um. Temos, logo,

A eclosão da fobia, com o surgimento deste ser fantasístico que é o cão, que aqui intervém como, falando propriamente, o responsável por toda a situação, aquele que morde, aquele que castra, aquele graças ao qual o conjunto da situação é pensável, vivenciável simbolicamente, ao menos por um período provisório¹³.

O racismo e suas diversas ramificações foram estruturados e pensados como projetos,

ao passo que a exploração racial é essencial para que o poder continue concentrado com a classe que se autodetermina superior, a branquitude¹⁴. Para que esses privilégios permaneçam intactos, a branquitude designa sobre a negritude o que é apropriado para tal. Pela ótica do colonizador, a negritude é tudo aquilo que o sujeito branco, conscientemente, abomina ao que, inconscientemente, está em si mesmo¹⁵.

A partir dessa autodeterminação da branquitude, surge uma relação dicotomizada entre esta e a negritude. Kilomba¹⁶ descreve como o processo de valorização da branquitude se constitui a partir da negação, da cisão e da projeção: a “branquitude olha para si como moralmente ideal, decente, civilizada e majestosamente generosa”¹⁷, declarando-se oposta à negritude. Ela indica que, nesse discurso, a inferioridade, a marginalização, a inexistência e o silêncio foram designados para o sujeito negro.

A autora analisa os mecanismos e os aparatos impostos à força sobre corpos subalternizados, em especial a máscara — em um sentido não metafórico, como em Fanon¹⁸, mas também muito simbólico —, que se constituiu tendo como fim inibir todas as funções executadas pela boca. O sujeito negro não teria permissão para comer, falar, gritar ou pedir socorro: “É a máscara do silenciamento”¹⁹.

Embora o trabalho da autora usufrua de um aporte psicanalítico, ela não estabelece relações diretas com o trabalho de Jacques Lacan. Uma relação intertextual como tal estabelecida entre as interpretações de Kilomba a Lacan — ainda que retrospectivamente — parece surgir como algo viável e frutífero, uma vez que a fala é um tema central na obra de ambos os autores.

Assim, se “A constituição do outro como tal, isto é, na medida em que ele fala, isto é, na medida em que é um sujeito, nos leva, com certeza, muito mais longe”²⁰, o que podemos apreender do ato de impedir a fala de um corpo subalternizado de vir à tona, uma vez que um ato, diferente de um comportamento, “tem sempre uma parte de estrutura, por dizer respeito a um real que não é evidente”²¹? O que acontece se tomarmos essa base e questionarmos, também, “Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar?”²², quando a máscara do silenciamento é um ato presentificado e reproduzido?

2. Percurso da análise

O sistema TABNET, do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) é utilizado para monitorar e compreender estatísticas acerca da saúde da população²³. Observando os dados em relação a óbitos no Brasil em 2023, em especial as mortes por suicídio (Lesões autoprovocadas voluntariamente, a partir da classificação do CID-BR-10), podemos observar que aproximadamente 51,54% das mortes por suicídio correspondem à população negra (i.e., preta e parda;²⁴).

Em análise do Ministério da Saúde, pontuou-se que os principais fatores associados ao suicídio da população negra estão relacionados com sentimentos de inferioridade, rejeição, negligência, maus-tratos, abuso, violência, inadequação, inadaptação, incapacidade, solidão, isolamento social, a ausência de sentimento de pertença e, ainda, a não aceitação da identidade racial, sexual e afetiva, de gênero e de classe social²⁵. Esses indicadores preocupantes nos mostram, acima de tudo, como o sentimento de não pertencimento e massacre à identidade tão crítico à experiência de ser negro no Brasil, como aponta Souza²⁶, se reflete nos atos dos sujeitos negros.

Há muito sofrimento em corpos que, justamente pelo espaço de subalternização, não só não têm suas vozes ouvidas, como, na verdade, estas são sistematicamente silenciadas. Nessa direção, torna-se um dever de campos como a psicanálise, enquanto ética, colocar esse massacre à identidade negra em xeque, indagando-o, e possibilitar um espaço de escuta às vozes dos corpos tidos como subalternizados, para que possam encontrar uma forma de se constituir para além dessa angústia.

Silva e Macedo²⁷ enfatizam como a pesquisa em psicanálise, ainda que a própria psicanálise seja o objeto da pesquisa, se relaciona com diversas áreas e pode ser realizada por diferentes pesquisadores, sejam estes filósofos, cientistas sociais, historiadores, etc. Ianni²⁸ nos ilustra como as delimitações epistemológicas que Freud postulou para a psicanálise

¹⁰ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradutor: Sebastião Nascimento e col. de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020.

¹¹ *Ibidem*, p.129.

¹² LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

¹³ *Ibidem*, p.81.

¹⁴ FANON (2020); KILOMBA (2019).

¹⁵ KILOMBA (2019); ŽIŽEK (2010).

¹⁶ KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

¹⁷ *Ibidem*, p.37.

¹⁸ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradutor: Sebastião Nascimento e col. de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020.

¹⁹ KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p.33.

²⁰ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p.20.

²¹ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.56.

²² KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p.33.

²³ MINISTÉRIO DA SAÚDE. DATASUS. TABNET. Mortalidade – Brasil. 2023. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obt10uf.def>.

²⁴ Ibidem.

²⁵ BRASIL. Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

²⁶ Ibidem.

²⁷ SILVA, Clarice Moreira; MACEDO, Mônica Medeiros. Kother. O método psicanalítico de pesquisa e a potencialidade dos fatos clínicos. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 36, n. 3, 2016.

²⁸ IANNINI, Gilson. Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito. In: FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 91–133.

²⁹ FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradutor: Sebastião Nascimento e col. de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020. p.242.

³⁰ KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

³¹ LACAN, Jacques. O seminário, livro 4: a relação de objeto. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995; LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

³² KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

³³ Ibidem, p.34.

³⁴ Ibidem.

seguem uma delimitação avançada da abrangência do conceito de ciência, permitindo essa abrangência interdisciplinar com áreas distintas.

Nesse sentido, a amplitude que a pesquisa em psicanálise abrange possibilita-nos compreender que a pesquisa embasada nas teorias psicanalíticas influencia e é influenciada pelos campos de ciências sociais, humanas e da saúde que com ela se relacionam e, desse modo, mesclam seus interesses entre si. Nesse caminho, é possível pensar que o objeto da pesquisa em psicanálise, tal como das ciências sociais, se situa histórica e hodiernamente.

Neste artigo, seguiremos a prece fanoniana: “Ó meu corpo, faz sempre de mim um homem que questione!”²⁹, ao utilizarmos a psicanálise, enquanto ética, para questionar o massacre à identidade negra, tal como previamente comentado. Faremos isso ao estabelecermos uma breve relação intertextual de leituras acerca do conceito freudiano de fantasia realizadas por Kilomba³⁰ e Lacan³¹, refletindo uma síntese entre ambos os autores e como essa síntese pode nos auxiliar na compreensão da esquizo (i.e., cisão em relação à realidade) do sujeito branco, o que — cremos e esperamos — poderá contribuir com todas as áreas que se relacionam com a psicanálise, além da própria.

3. Jogos sintáticos e pulsões em relação com a fantasia

Kilomba³² analisa que, no âmbito da fantasia, o sujeito branco visualiza a máscara como algo que, além de visar a punição, tende a controlar e a censurar o outro. Ao fantasiar, o sujeito branco dispõe da máscara sem remorso, usufruindo de justificativas aceitáveis, onde o negro merece e deve ser punido. Ao fantasiar, o sujeito subjugador inverte os papéis de posição e ação.

Nas colocações contraditórias indicadas pela autora: “Estamos levando o que é deles” e “Eles estão levando o que é nosso”³³, a relação sintagmática se difere nos verbos e nos objetos das orações. A locução verbal presente nas orações é composta pela junção “estar + levar”, que é constituída pelo verbo de ligação “estar” e o verbo transitivo “levar”, que seleciona argumentos.

Embora o verbo “levar”, dependendo da valência, selecione sujeito e dois objetos, sendo um direto e outro indireto, denotamos que, para essa análise, o movimento discursivo central cujo foco será nosso escopo é outro, que está presente no jogo que inverte os papéis de posição e ação de um sujeito que se encontra na primeira pessoa do plural (nós), oculto, para um sujeito que se encontra na terceira pessoa do plural (eles), expresso. Na ordem do sujeito e sua ação, o “estamos levando” se converte em “estão levando”; na ordem do objeto sobre o qual a ação do sujeito incide, os pronomes se modificam de “deles” para “nosso”.

Além disso, é importante denotar que este movimento se observa, em específico, na tradução de Kilomba³⁴ para o português. Como a própria autora comenta, seu trabalho foi concebido originalmente em inglês, e isso é importante para nossa análise porque essas orações que são, original e respectivamente, “We are taking what is Theirs” e “They are taking what is Ours”, são atravessadas por uma adaptação necessária à tradução para o português. Essa adaptação traz consigo duas implicações, uma explícita, que é indicada pelos pronomes, e outra implícita, que é indicada pela locução verbal.

A implicação explícita da adaptação, indicada pelos pronomes, denota uma ocultação de agência por parte do sujeito subjugador cuja fantasia inverte a lógica da própria agência. Nesse caso, já no primeiro tempo a ocultação do sujeito (nós), na versão traduzida da oração, traz consigo uma carga de negação. Quanto à implicação implícita, indicada pela locução verbal, esta diz respeito à tradução do verbo “to be”, que, nas orações do texto original, é indicado por sua conjugação “are”. O verbo “to be” pode trazer como significação correspondente em português os verbos “ser” ou “estar”, e esse sentido é indicado de acordo com o contexto frasal. Contudo, é possível que ele se aplique, nesse contexto, como uma confusão precisa entre os sentidos de “ser” e “estar”.

Nessa direção, as duas orações colocadas não se traduziriam apenas como “[Nós] Estamos levando o que é deles” e “Eles estão levando o que é nosso”, mas também como “Nós somos quem leva o que é deles” e “Eles são quem leva o que é nosso”. Certamente,

para que o texto original fosse traduzido exatamente nesse segundo sentido, o contexto frasal deveria ser acrescido do pronome relativo “who” (quem), a saber, “[sujeito] are who are taking...”. Contudo, mais além do fato de que os pronomes relativos operam retomando um termo antecedente da oração para evitar redundâncias, a questão para a qual chamamos a atenção é, precisamente, a da ambiguidade que o verbo “to be” carrega consigo, de modo que “estar” e “ser” se confundem entre si. Nisso, o significante que passa a representar o sujeito subalternizado é perfeitamente indicado por Djonga³⁵, na primeira faixa de seu álbum “Ladrão”.

O dedo
Desde pequeno geral te aponta o dedo
No olhar da madame eu consigo sentir o medo
Cê cresce achando que cê é pior que eles
Irmão, quem te roubou te chama de ladrão desde cedo
Ladrão³⁶.

Contudo, essa questão não se encerra exatamente nesse ponto, pois resta ainda um aspecto: o terceiro tempo da fantasia, o do recalçado. A fantasia indicada por Kilomba³⁷ é uma fantasia masoquista, mas ela não exatamente emula os três tempos da fantasia masoquista que Freud³⁸ indica, tal como comentado anteriormente. Trocando em miúdos, o terceiro tempo, que seria algo como “Está-se levando o que é de alguém” ou, simplesmente, “Rouba-se alguém”, não aparece aqui. Por quê?

Bem, diferentes abordagens linguísticas divergem quanto à partícula “-se”, de modo que uma vertente dirá que essa partícula é apassivadora do sujeito — “Rouba-se alguém” seria uma forma passiva de dizer “Alguém é roubado” —, enquanto outra vertente dirá que a partícula representa o próprio sujeito da oração — “Rouba-se alguém” é uma forma menos redundante de dizer que “Alguém rouba alguém”³⁹. Essa ambiguidade presente no tempo terminal da fantasia é, precisamente, a razão pela qual Lacan (1995) referir-se-á a essa situação como dessubjetivada, de modo que o sujeito é reduzido ao seu ponto mais extremo.

É necessário chamar a atenção para o fato de que, nos tempos fantasísticos de Freud⁴⁰, a figura do pai, a função paterna, é um avatar utilizado pelo sujeito que fantasia. Ele é utilizado na medida em que a função paterna é aquela que operará no processo simbólico da castração de um falo imaginário⁴¹. É a função paterna que tem o dom de bater, e é nesse sentido que ela é mobilizada na fantasia freudiana. Por isso que, quanto à partícula “-se”, Lacan⁴² dirá: “Nesse Se, reencontra-se vagamente a função paterna, mas em geral o pai não é reconhecível, não passa de um substituto”⁴³.

O problema da fantasia masoquista indicada por Kilomba⁴⁴ é que esta não se utiliza da função paterna como esse operador substituto fantasístico. Isso se deve ao fato de que o “outro” com o qual se “compete” nessa fantasia é uma representação da função paterna, ou o nome-do-pai. Deparamo-nos com González⁴⁵: o significante que representa o nome-do-pai na cultura brasileira — e também em outras — é “negro”. Em outras palavras, o tempo terminal da fantasia masoquista de selvageria não ocorre porque a figura com a qual o sujeito subjugador “compete” é a própria figura que o remete à castração.

Disso, o jogo sintático que surge nesse contexto fantasístico é passível de ser lido como um jogo de recusa à castração. Esse jogo, que se faz observar, indica:

O que escapa ao sujeito, é que sua sintaxe está em relação com a reserva inconsciente. Quando o sujeito conta sua história, age, latente, o que comanda essa sintaxe e a faz cada vez mais cerrada [...] em relação a [...] um núcleo⁴⁶.

Esse núcleo a que se refere Lacan é da ordem do real, ao mesmo tempo que é fundado pela percepção de realidade do sujeito. Enquanto isso, Lacan ilustra o que seria a agência que comanda o jogo sintático do sujeito e o cerra em relação ao núcleo ao apontar que “o real é, no sujeito, o maior cúmplice da pulsão”⁴⁷. Aqui, a percepção de realidade do sujeito nada mais é do que um fato factício (i.e., um fato produzido de forma artificial) movido por moções pulsionais.

Antes de discutirmos o que são, de fato, as moções pulsionais, talvez seja interessante retroceder brevemente aos conceitos de “Isso”, “Eu” e “Supereu”, da segunda tópica freudiana.

³⁵ DJONGA. Ladrão. Minas Gerais: A Quadrilha, 2019. Álbum musical.

³⁶ Ibidem.

³⁷ KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

³⁸ FREUD, Sigmund. “Bate-se numa criança”: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais (1919). In: IANNINI, Gilson (ed.). Neurose, psicose, perversão. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

³⁹ BAGNO, Marcos. A língua de Eulália: novela sociolinguística. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

⁴⁰ FREUD (2016).

⁴¹ LACAN, Jacques. O seminário, livro 4: a relação de objeto. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

⁴² Ibidem.

⁴³ Ibidem, p.119, grifo do autor.

⁴⁴ KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

⁴⁵ GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (orgs.). Por um feminismo afrolatino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

⁴⁶ LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.72.

⁴⁷ Ibidem, p. 73.

⁴⁸ FREUD, Sigmund. Compêndio de psicanálise. In: IANNINI, Gilson (ed.). Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ Ibidem, p. 17.

⁵¹ Ibidem, p. 23.

⁵² FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

⁵³ Ibidem.

⁵⁴ FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer = [Jenseits des Lustprinzips]. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021; FREUD, Sigmund. Compêndio de psicanálise. In: IANNINI, Gilson (ed.). Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

⁵⁵ Ibidem.

⁵⁶ LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

⁵⁷ FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer = [Jenseits des Lustprinzips]. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 137, grifos do autor.

⁵⁸ LACAN (2008).

⁵⁹ GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Freud e o inconsciente. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

⁶⁰ FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer = [Jenseits des Lustprinzips]. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

Freud⁴⁸ compreende essas três noções como instâncias psíquicas: O Isso seria a mais antiga dentre essas instâncias e seu conteúdo é herdado e estabelecido em sua constituição; o Eu seria a instância mediadora entre o Isso, a realidade e o Supereu, devendo satisfazer às exigências de ambas as partes por meio de suas ações; o Supereu seria uma instância, formada a partir do Eu, responsável por incorporar e exigir os ideais societários, inicialmente passados no seio parental.

Para Freud⁴⁹, parte do conteúdo do Isso consistiria “especialmente, portanto, [d]as pulsões, oriundas da organização corporal, que aqui encontram uma primeira expressão psíquica em formas que nos são desconhecidas”⁵⁰. Ele define que as pulsões são “as forças que supomos existir por trás das tensões motivadas pelas necessidades do Isso”⁵¹. Freud⁵² conceitua, também, que as pulsões possuem quatro componentes: pressão (i.e., força propulsora de energia constante), meta (i.e., objetivo), objeto (i.e., instrumento ou ser no qual a pulsão encontrará sua satisfação) e fonte (i.e., zona somática de onde surge a pulsão).

O Eu trata-se, aqui, da instância responsável pela interatuação do Isso com a realidade na satisfação de suas necessidades, ao visar a “homeostase psíquica”, encontrando um objeto para as metas pulsionais, de modo que se satisfaça também às exigências do Supereu. Assim, os destinos da pulsão podem ser definidos como: formação reativa, retorno ao próprio sujeito, recalque e sublimação⁵³. Devemos considerar que o fantasiar vem, portanto, como uma ação do Eu que visa satisfazer as moções pulsionais de forma que se consiga, à sua maneira, “passar batido” às exigências da realidade e do Supereu.

Freud⁵⁴ apresenta-nos dois tipos de pulsões: “Eros” e “Tânatos”, sendo a primeira conhecida como pulsão de vida e a segunda conhecida como pulsão de morte. A pulsão de vida é uma agência de criação relacionada à sexualidade e à autoconservação, enquanto a pulsão de morte se configura como uma agência, também autoconservativa, que se utiliza de mecanismos de repetição, destruição e negação à mudança⁵⁵.

Posteriormente, Lacan⁵⁶ compreenderá que toda pulsão possui uma afinidade com a zona da morte, de modo que, ainda que presentifique a sexualidade no inconsciente, toda pulsão representa, por essência, a morte. Ele parte da máxima freudiana de que “*A meta final de toda vida é a morte*”⁵⁷, visando articular que, se a pulsão de morte propulsiona o sujeito para um retorno ao estado inorgânico, e tanto ela quanto a pulsão de vida operam, nesse sentido, em direção à autopreservação: toda pulsão é, por essência, parcial, e está a serviço de normalizar, gradativamente, o caminho para o estado de “inanimado” que é imaginariamente concebido tendo como correlato mais próximo a morte. Em outras palavras, toda pulsão seria uma pulsão de morte⁵⁸.

Garcia-Roza⁵⁹, entretanto, indica que, embora as pulsões de vida e de morte possam ser indiferenciáveis em certos aspectos e até demarcando certas fusões e desfusões entre seus funcionamentos, o que está em jogo nesse dualismo pulsional, que visa demarcar a impossibilidade de um monismo pulsional, como o do argumento de Lacan, é a interação com um outro. A interação com o outro implicaria em uma compreensão da pulsão para além do autoerotismo, de modo a estar, nesse sentido, além do princípio do prazer⁶⁰.

Isso implica que a interação com um outro, tanto no sentido da sexualidade, quanto no sentido da autoconservação, traz consigo ambivalências que levam, simbolicamente, de um caminho para a morte a um caminho de imortalidade da vida. Diz Garcia-Roza⁶¹, a respeito do dualismo:

[Sua autenticidade] está salva a partir do momento em que entendemos que as pulsões sexuais são verdadeiras pulsões de vida e que elas implicam uma junção de dois indivíduos da qual vai resultar um novo ser vivo. [...] enquanto pulsão sexual ela [a pulsão de vida] garante, através do sêmen germinativo, a imortalidade do ser vivo⁶²

Já no campo da autoconservação, a interação com o outro dá-se de maneira distinta, uma vez que “[...] o organismo só quer morrer à sua maneira”⁶³. Assim, qualquer interação com esse outro que é percebida — ainda que de maneira factícia — como invasiva pode mobilizar agências de repetição, destruição ou negação à mudança, de modo que “[...] enquanto pulsão de autoconservação, a pulsão de vida é a manutenção do caminho para a morte”⁶⁴.

4. A relação com o grande outro e a esquizo do sujeito branco

Ao explorar a relação do sujeito com o grande Outro, Lacan⁶⁵ explica como o sujeito, ao entrar em contato com este, encontra um vazio, pois não sabe qual é o desejo desse Outro, e da tentativa de descobrir o desejo do Outro, preencher esse vazio, surge a angústia⁶⁶. Mas o que é esse Outro?

[...] O Outro não é simplesmente o outro que está ali, mas literalmente o lugar da palavra. Existe, já estruturado na relação falante, este mais-além, este grande Outro para além do outro que vocês apreendem imaginariamente, este Outro suposto que é o sujeito como tal, o sujeito em que a fala de vocês se constitui, porque ele pode, não somente acolhê-la, percebê-la, mas também responder a ela. É sobre esta linha que se estabelece tudo o que é da ordem transferencial, o imaginário desempenhando aí, precisamente, um papel de filtro, até mesmo de obstáculo⁶⁷.

Esse grande Outro, que é a própria linguagem enquanto estrutura, no campo do simbólico, é concebido no imaginário a partir da comunidade verbal na qual o indivíduo está inserido. É justamente nesse sentido que o outro, o pequeno outro, é descrito por Lacan⁶⁸ como uma imagem unificadora e narcísica que refere o sujeito como passível de discordância, decomposição e abertura à fragmentação, também à medida que o Eu representa, enquanto significante, aquilo que seria o sujeito, após a intervenção de um processo social de identificação⁶⁹.

O que se estabelece em relação ao outro é, necessariamente, determinado pelo reconhecimento da constituição do outro como sujeito⁷⁰. Os registros afetivo e sentimental, as necessidades, a felicidade e o prazer, situados na relação com o outro e condicionados por essa mesma relação só ocorrem a partir desse reconhecimento. Segundo Lacan⁷¹, o outro só é, então, constituído como imagem unificadora e narcísica e reconhecido como sujeito à medida em que fala.

Disso, nos deparamos com a problemática da situação analisada no presente trabalho: quando o sujeito subjugador entra em contato com qualquer forma de existência humana diferente da sua, ele — percebendo sua própria pequenez em relação ao mundo, sua castração — tenta descobrir o que deseja esse outro, de modo que suas distinções nas tradições, na organização social, nos traços físicos e na língua falada, são sentidas como um enigma, e precisamente um enigma que conteria em si um “segredo” do grande Outro.

Em defronte com o real que é a própria pequenez, o sujeito subjugador se angustia, sendo essa uma angústia de castração. Se a castração aparece como uma operação na qual o sujeito é constituído como faltante de um falo imaginário, é também ela que fará o Eu perceber que não é dono da própria casa e que há uma lei, no Outro⁷². Nessa operação de recusa à castração, tudo isso que esse Eu perceberia a partir dessa falta do falo imaginário é negado. Nesse processo, há significantes fundamentais sobre a realidade e a constituição psíquica que têm sua entrada negada, tornando ausentes pontos críticos nos processos de significação do sujeito, ocorrendo um processo de forclusão⁷³.

O fato de ocorrer um processo de forclusão não significa que, necessariamente, a estrutura psíquica do sujeito será psicótica, mas que alguns fenômenos presentes em certos processos associados à recusa da castração serão fenômenos psicóticos. Assim,

[...] A castração, que é precisamente o que para ele não existiu, manifesta-se sob a forma do que ele imagina [ou fantasia] [...]. Fica então submerso pelo sentimento de uma catástrofe tão inexprimível que não ousa nem mesmo falar disso para a pessoa a seu lado. Aquilo de que não ousa falar, é isso — é como se essa pessoa à qual ele imediatamente refere todas as suas emoções, estivesse anulada. O outro não existe mais. Há uma espécie de mundo exterior imediato, manifestações percebidas no que chamarei um real primitivo, um real não-simbolizado, apesar da forma simbólica, no sentido corrente da palavra, que toma esse fenômeno⁷⁴.

Dessa angústia de castração, no fenômeno psicótico que surge, o indivíduo busca uma forma de encontrar um significante que expresse essa pequenez, mas ainda não o há, precisamente devido à recusa da castração. Assim, o sujeito branco, visando a autoconservação, atribui ao outro (negro) o que há de mais sádico em si mesmo, categorizando-o como “selvagem”, e contrapondo-se ao se caracterizar como “civilizado”. Surge o

⁶¹ GARCIA-ROZA, (1988).

⁶² Ibidem, p. 137.

⁶³ FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer = [Jenseits des Lustprinzips]. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p.139.

⁶⁴ GARCIA-ROZA, (1988).

⁶⁵ LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

⁶⁶ Ibidem.

⁶⁷ LACAN, Jacques. O seminário, livro 4: a relação de objeto. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, pp. 79-80.

⁶⁸ Ibidem.

⁶⁹ SAFATLE, Vladimir. Introdução a Jacques Lacan. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

⁷⁰ LACAN, Jacques. O seminário, livro 4: a relação de objeto. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

⁷¹ Ibidem.

⁷² Ibidem.

⁷³ LACAN, Jacques. O seminário, livro 3: as psicoses. Tradução: Aluísio Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

⁷⁴ LACAN, Jacques. O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud. Tradução: Betty Milan. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009, p.83.

racismo: constrói-se a diferença, liga-se essa diferença a valores hierárquicos (i.e., constrói-se o preconceito) e une-se esses atos ao poder histórico, político, econômico e social.

⁷⁵ KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 76, grifos da autora

E, nesse sentido, *o racismo é a supremacia branca*. Outros grupos raciais não podem ser racistas nem performar o racismo, pois não possuem esse poder. Os conflitos entre eles e o grupo dominante *branco* têm de ser organizados sob outras definições, como o preconceito. O racismo, por sua vez, inclui a dimensão do poder e é revelado através de diferenças globais na partilha e no acesso a recursos valorizados [...] ⁷⁵.

Em sua esquizo, o sujeito branco nega tudo aquilo que é considerado abominável em si mesmo. Esse processo tem como função autenticar a exclusão racial. Após isso, ocorre a cisão e a projeção, em que a parte “boa do Eu” é guardada e zelada pelo sujeito branco, e a “parte má” é rejeitada e projetada no outro, que é negro.

⁷⁶ LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 73, grifos do

Ao evidenciarmos isso, refletimos acerca da máscara abordada por Kilomba: esse aparato evidencia tanto quem pode falar, quanto o que pode ser falado. Quando o sujeito branco priva o negro de utilizar a boca, ele priva-o tanto de uma de suas fontes de prazer, quanto da possibilidade de ser percebido como falante e, portanto, como sujeito, que “integra” o Outro. Assim, toda vez que o sujeito branco se depara com o negro, ele se defronta com a possibilidade do gozo do outro, que o fará entrar em contato com o real (i.e., sua castração de um falo imaginário). A privação da fala do negro impossibilita que este faça parte do Outro e, portanto, impossibilitado de falar, perde sua humanidade, sua capacidade de escolha.

⁷⁷ 1989, apud KILOMBA, 2019

Conforme Lacan: “a *tiquê* se define por só nos poder vir de um ser capaz de escolha, [...] a *tiquê*, boa ou má sorte, não nos poderia vir de um objeto inanimado, de uma criança, de um animal” ⁷⁶. Surge, então, a fantasia de selvageria dos corpos negros como uma forma de justificar a violência e o silenciamento direcionados a esses corpos: a máscara é o que transforma o sujeito negro ao que denominaremos objeto-sujeitado.

⁷⁸ GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (orgs.). Por um feminismo afrolatino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Para Lacan, as terminologias “sujeito”, “objeto”, e “real”, por exemplo, devem passar por uma compreensão topológica (i.e., como aspectos que se situam e se relacionam entre si). Assim, podemos seguir com as definições que hooks ⁷⁷ nos fornece: o sujeito é aquele que pode definir a própria realidade e tem sua individualidade reconhecida e valorizada; o objeto, nessa posição, é o alvo do sujeito, é definido por ele.

O objeto-sujeitado implica na relação de que o corpo subalternizado só será o que o sujeito subjugador disser que ele o é. Trata-se da projeção de tudo aquilo que o sujeito subjugador rejeita de si mesmo. Enquanto o sujeito negro não pode integrar o Outro e deve ser relegado ao status de objeto, todos os significantes que definirão os corpos negros são significantes que sujeitam-os à única leitura da branquitude. González ⁷⁸ indica como essa pseudo-simbolização do fenômeno psicótico do racismo opera, uma vez que está sempre presente e veemente a recusa da castração:

⁷⁹ Ibidem, p. 90, grifo da autora.

É por essa via que dá pra entender uma série de falas contra o negro e que são como modos de ocultação, de não assunção da própria castração. Por que será que dizem que preto correndo é ladrão? Ladrão de quê? Talvez de uma onipotência fálica. Por que será que dizem que preto, quando não caga na entrada, caga na saída? Por que será que um dos instrumentos de tortura utilizados pela polícia da Baixada é chamado de “mulata assanhada” (um cabo de vassoura que introduzem no ânus dos presos)? Por que será que tudo aquilo que incomoda é chamado de coisa de preto? Por que será que ao ler o *Aurélio*, no verbete “negro”, a gente encontra uma polissemia marcada pelo pejorativo e pelo negativo? Por que será que “seu” bispo fica tão apavorado com a ameaça da africanização do Brasil? Por que será que ele chama isso de regressão? Por que vivem dizendo pra gente se pôr no lugar da gente? Que lugar é esse? Por que será que o racismo brasileiro tem vergonha de si mesmo? Por que será que se tem “o preconceito de não ter preconceito” e ao mesmo tempo se acha natural que o lugar do negro seja nas favelas, cortiços e alagados? ⁷⁹

⁸⁰ KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Essas terminologias são muito importantes para a compreensão dos efeitos das fantasias brancas sobre corpos negros e para destacar posições decididas sobre si mesmos e

impostas sobre outros em sua esquizo. Nas orações indicadas por Kilomba⁸⁰ — “Estamos levando o que é deles” e “Eles estão levando o que é nosso” —, o jogo sintático fantasístico feito pelo sujeito branco que torna o real suportável, indica, na relação sujeito-ação-objeto, uma inversão: o sujeito se objetiva enquanto vítima (de seus desejos sádicos e) de um objeto que é, agora, sujeitoado (lido, enquanto fato factício), que passa a ser o autor da ação.

Assim, o sujeito subjugador coloca-se no lugar de vítima da situação, movendo-se da posição de opressor para a posição de oprimido, culpabilizando o sujeito subalternizado e o designando como o tirano. Na fantasia de selvageria do negro, o sujeito branco entende que este precisa ser advertido e punido, e nada mais propício para isso que a imposição da máscara, numa privação da possibilidade de gozo pela boca, seja este da ordem do falo ou da ordem da fala.

Há, portanto, um ciclo concebido como supostamente interminável que se reproduz: o sujeito negro é relegado à posição de objeto-sujeitado toda vez que entrar em contato com o sujeito branco; este se depara com a angústia do real que é a pequenez de sua existência em relação ao mundo e, a partir de uma fantasia relacionada ao poder, estabelece a branquitude e a negritude como uma forma de compensar, para si, essa pequenez, se autodeterminando superior e projetando o que há de pior em si para o sujeito negro, proibindo-o de falar para que o real, o insustentável — a castração e a barbárie do sujeito branco —, não venha à tona.

Com a fantasia da selvageria dos corpos negros surge, implicada à estrutura de poder estabelecida, a possibilidade de que a única forma de se existir nesse mundo, mesmo tendo a pele negra, é se utilizando de máscaras, desta vez metafóricas, brancas⁸¹. É nesse sentido que Fanon constata que “para o negro, existe apenas um destino. E ele é branco”⁸². Essas máscaras brancas consistem na perpetuação desse sistema, tanto no sentido de que o objeto-sujeitado só é entendido como sujeito à medida de sua proximidade a um ideal da branquitude e maior seu distanciamento da negritude, quanto no sentido de que um corpo negro, para a estrutura da branquitude, só tem utilidade enquanto objeto a ser sujeitoado (i.e., quando silenciado).

A trajetória violenta do racismo não se baseia apenas em histórias do passado, como a consciência insiste em dizer, mas em memórias inesquecíveis enraizadas no âmbito dos corpos negros que urgem para serem reveladas e contadas a partir do olhar e da posição do negro, que há muito luta para o reconhecimento de sua posição como sujeito⁸³. Nossa luta pela possibilidade de falar é também uma luta contra uma estrutura de poder estabelecida pelo ocidente branco e colonizador. É uma luta por uma nova forma de se compreender a própria existência — para brancos e negros, com toda a incompletude que esses significantes abarcam — que vá além da angústia. Não estamos, afinal, lidando com “uma questão de nacionalidade [...], tampouco de sentimentos [...], mas sim com o poder”⁸⁴. Poder esse que, junto ao preconceito, estabelece a supremacia branca, e deve ser combatido.

5. À guisa de conclusão

Em sua leitura de Lacan, Žižek⁸⁵ reflete que a fantasia é o que “me diz o que eu sou para os meus outros”⁸⁶. Assim, é no racismo e em suas fantasias que a esquizo do sujeito branco se manifesta em sua forma mais nítida, enquanto segue colocando o próprio sujeito branco em confronto com sua castração e sua barbárie, que ele insiste em negar. Nesse sentido, Žižek complementa: se torna uma tarefa ética máxima para o psicanalista a busca pelo “verdadeiro despertar da fantasia, [da esquizo,] que nos controla ainda mais quando estamos acordados”⁸⁷.

A tiquê se estabelece em um campo onde o traumático e a fantasia, justamente a partir do retorno accidental, espontâneo e infamiliar do real, se associam. Lacan nos mostra que a esquizo do sujeito, “depois do despertar, persiste [...] e a consciência se retrama, que sabe que vive tudo aquilo como um pesadelo, mas que, assim mesmo, se agarra a si mesma” [88]. Esse despertar, na tiquê, tem também sua fonte delimitada por ele: “é a outra realidade escondida por trás da falta do que tem lugar de representação — é o *Trieb* [a pulsão], nos diz Freud”⁸⁹.

Na tiquê, o sujeito branco passa por todo o percurso elucidado no decorrer deste trabalho, mas, ainda assim, a consciência persiste em se reorganizar no discurso da branqui-

⁸¹ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradutor: Sebastião Nascimento e col. de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020.

⁸² Ibidem, p.24.

⁸³ GONZÁLEZ, 2020; KILOMBA,

⁸⁴ KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p.77.

⁸⁵ ŽIŽEK, Slavoj. *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

⁸⁶ Ibidem, p.63.

⁸⁷ Ibidem, p.76.

⁸⁸ LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.74.

⁸⁹ Ibidem, p. 64, grifo do autor.

⁹⁰ FREUD, 2016; 2021a; 2023

tude para se conservar. A fantasia se mantém, mesmo com o real sempre retornando, justamente porque o fim da fantasia é a satisfação das metas pulsionais de modo masturbatório e autoconservativo⁹⁰].

⁹¹ 2004, apud KILOMBA, 2019

Quando Gilroy⁹¹ descreve o processo que passa pelas etapas de negação, culpa, vergonha, reconhecimento e reparação, para que o sujeito branco “possa se tornar consciente de sua própria branquitude e de si própria/o como perpetradora/perpetrador do racismo”⁹², o que se objetiva é justamente o despertar da fantasia, da esquizofrenia, na qual o sujeito branco insiste em retornar visando evitar o desconforto do encontro de sua consciência com o real, este não-simbolizado.

⁹² KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p.43.

Esse despertar é um processo trabalhoso e não se constitui como uma questão moral, mas como uma forma de questionar as estruturas de poder da sociedade, trazendo à consciência o racismo concernente ao próprio sujeito.

⁹³ Ibidem, p.46, grifos da autora.

Nesse sentido, em vez de fazer a clássica pergunta moral “Eu sou racista?” e esperar uma resposta confortável, o *sujeito branco* deveria se perguntar: “Como eu posso dismantelar meu próprio racismo?” Tal pergunta, por si só, já inicia esse processo⁹³.

⁹⁴ Ibidem.

Quando Kilomba aponta essa questão, a fantasia do sujeito branco, que outrora seria reforçada com a resposta “não, você não é racista”, cai por terra: a partir do momento onde se assume o próprio racismo, o sujeito está assumindo uma faceta de barbárie e sadismo próprios dele. Ao se assumir isso, a postura sustentada pela fantasia e pelas relações de poder que antes justificavam a violência direcionada aos corpos negros é posta em xeque e o sujeito branco se abala quando vivencia de forma real a barbárie outrora fantasiada e, portanto, intolerável⁹⁴.

⁹⁵ BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1994, p.170.

É nesse sentido que a autora sugere que, frente ao racismo que emerge cotidianamente, haja uma tentativa, à medida do possível, de demarcação por meios de simbolização de uma distinção eu-outro que transcenda a lógica da fantasia masoquista demonstrada por ela. É na medida em que o sujeito negro nega a suposta perpetuidade do ciclo que o torna objeto-sujeitado, que é produzido um corte que atravessa o discurso racista. Esse atravessamento é possível na medida que um discurso é “[...] um momento num processo de elaboração, com tudo que isso comporta de contradições, de incoerências, de imperfeições”⁹⁵.

⁹⁶ FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradutor: Sebastião Nascimento e col. de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020. conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1994, p.170.

A distinção eu-outro e a recusa à imposição da máscara na reprodução da fantasia subjugadora parecem essenciais para contornar essa lógica discursiva e possibilitar formas de simbolização e significação que operem no fenômeno psicótico que é o racismo. A relação intertextual que realizamos entre as leituras de Kilomba e Lacan acerca do conceito freudiano de fantasia, permite-nos refletir sobre algumas questões únicas relacionadas à síntese que surgiu com esse cruzamento de leituras.

⁹⁷ Ibidem, p.242.

O racismo se sustenta discursivamente a partir de suas fantasias, que operam sempre em processos associados à recusa da castração, e a libertação dos sujeitos dessas próprias fantasias é um processo desafiador. Parece-nos que é aqui, justamente por causa desse processo, que se evidencia a luta por uma constituição de existência que alcance uma nova posição discursiva e vá além da angústia, a partir da tarefa ética máxima de um psicanalista. Por isso, é fundamental que, para elaborações futuras, se leve em conta a necessidade de uma escuta com viés racializado dos psicanalistas, para que essas nuances sejam abarcadas no fazer profissional.

Nesse sentido, tal como Fanon⁹⁶, à guisa de concluir seu trabalho, nós desejamos apenas uma coisa, que se faz possível no momento em que o discurso analisado no presente trabalho é posto em xeque:

Que o instrumento jamais domine o homem. Que cesse para sempre a escravidão do homem pelo homem. Ou seja, de mim por outro. Que me seja permitido descobrir e desejar o homem, onde quer que se encontre⁹⁷.

Notas

* Graduando em Psicologia na Universidade de Brasília (UnB). Email: ives.ferreira@aluno.unb.br.

** Graduanda em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura na Universidade de Brasília (UnB). Email: sara.conceicao@aluno.unb.br.

Referências

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolingüística**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1994.

BRASIL. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/equidade/publicacoes/populacao-negra/obitos-por-suicidio-entre-adolescentes-e-jovens-negros-2012-a-2016>. Acesso em: 13 jul. 2025.

DJONGA. **Ladrão**. Minas Gerais: A Quadrilha, 2019. Álbum musical. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/4bVYzv8uj0wanD6BdwmdwM?si=aFNiUUupT6uVmEOjvNUo7Q>. Acesso em: 13 jul. 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradutor: Sebastião Nascimento e col. de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020.

FREUD, Sigmund. "Bate-se numa criança": contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais (1919). In: IANNINI, Gilson (ed.). **Neurose, psicose, perversão**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 123-156.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer = [Jenseits des Lustprinzips]**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021a.

FREUD, Sigmund. Compêndio de psicanálise. In: IANNINI, Gilson (ed.). **Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados**. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2021b. 8-195.

FREUD, Sigmund. Da história de uma neurose infantil (caso homem dos lobos) (1918). In: IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro (orgs.). **Histórias clínicas: cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica**. Tradução: Tito Lívio Cruz Romão. Belo Horizonte: Autêntica, 2021c. p. 631-774.

FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (orgs.). **Por um feminismo afrolatino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.

IANNINI, Gilson. Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito. In: FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 91-133.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 3: as psicoses**. Tradução: Aluísio Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 4: a relação de objeto**. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Tradução: Betty Milan. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução: Pedro Tamen. 9. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1986.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. DATASUS. **Informações de Saúde (TABNET)**. s.d. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude-tabnet/>. Acesso em: 05 jul. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. DATASUS. TABNET. **Mortalidade - Brasil. 2023**. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obt10uf.def>. Acesso em: 06 jun. 2025.

SAFATLE, Vladimir. **Introdução a Jacques Lacan**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SILVA, Clarice Moreira; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. **O método psicanalítico de pesquisa e a potencialidade dos fatos clínicos**. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 36, n. 3, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001012014>. Acesso em: 06 jul. 2024.

SOUZA, Neusa. **Tornar-se negro ou As viscitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.